

DE MÃOS DADAS COM MNEMOSINE E CLIO¹

Narradores de memórias e sujeitos históricos no filme

Narradores de Javé

Sol Fressato é graduada e mestre em História pela Universidade Federal do Paraná, pesquisadora da relação imagem e Ciências Humanas e desenvolve um projeto sobre a representação da cultura popular rural no cinema de Amácio Mazzaropi.

*"Quem construiu Tebas, a das sete portas?
 Nos livros estão os nomes dos reis,
 Mas foram eles que arrastaram
 os blocos de pedras?
 E a Babilônia, tantas vezes destruída,
 Quem outras tantas a reconstruiu?
 (...)
 O jovem Alexandre conquistou as Índias.
 Sozinho?
 César venceu os gauleses.
 Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?
 Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha
 Chorou. E ninguém mais?"
 Bertold Brecht*

Com perguntas simples, mas inquietantes, Bertold Brecht, levanta hipóteses sobre quem são as pessoas que fazem a história. Ao lado de nomes de reis e conquistadores, ele coloca pedreiros, cozinheiros, soldados, enfim, um sem número de anônimos tão importantes para a história quanto líderes e governantes. Durante muito tempo os historiadores preocuparam-se em recuperar e registrar apenas os nomes e as atitudes dos "grandes homens", que para eles eram os reis, imperadores, generais, sacerdotes... Constituindo uma história elitista e heróica, eles preservaram uma memória, ao lado dos grandes

¹ Pela mitologia grega, Mnemosine, filha de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra) é uma força primitiva da natureza e a guardiã da memória. Com Zeus teve nove filhas, entre elas, Clio, a musa da história. Assim, a história é filha da memória.

nomes, dos grandes feitos e das grandes realizações. As angústias reveladas por Brecht em seu poema, não eram específicas a ele, tanto que em 1929 e mais densamente a partir de 1970 os historiadores sentiram a necessidade de rever seus métodos e conceitos ampliando a noção de quem são os sujeitos da história.

A obra cinematográfica *Narradores de Javé*, direção de Eliane Caffé, é uma comédia que, a partir de uma temática aparentemente banal (a tentativa dos habitantes em impedir que sua cidade seja destruída pela construção de uma barragem) discute questões ligadas aos conceitos de memória e sujeito histórico.

O filme

A história de Javé é comum a muitas outras cidades baianas: de repente, cai como um raio, a informação de que a comunidade seria invadida pelas águas, devido a construção de uma hidroelétrica. Os moradores como não possuíam documentação de propriedade da terra, as "divisas eram cantadas", nenhum direito tinham sobre ela, segundo a lei, não recebendo, assim, nenhuma indenização. Somente uma coisa poderia salvar Javé: se tornar patrimônio histórico da humanidade, ter uma "grande história" para contar. E assim os moradores se unem para escrever no "livro da salvação", a partir de suas lembranças, a história de Javé. Mas quem escreveria, uma vez que a comunidade era formada basicamente por analfabetos? Para tal tarefa é designado Antônio Biá (vivido por José Dumont), que anteriormente havia difamado os moradores de Javé por meio de cartas. O motivo? Biá trabalhava no Correio, mas numa comunidade onde as pessoas não sabem ler, nem escrever não existia a sua necessidade. Para salvar o emprego, Biá começou a escrever cartas para todos os amigos que possuía no Brasil inteiro, aumentando as histórias que aconteciam em Javé e difamando os moradores da comunidade. Com o episódio da hidroelétrica Biá tem a oportunidade de reabilitar-se junto à população. Sua função é percorrer as casas, falar com os moradores e registrar suas lembranças, constituindo a história do povoado de Javé.

Narradores de Javé foi filmado entre junho e setembro de 2001 em Gameleira da Lapa, cidade do interior da Bahia e recebeu diversas premiações, entre elas: em 2003, da crítica no Festival Internacional de Friburgo, realizado na Suíça; da crítica e Gilberto Freyre no Cine PE - Festival do Audiovisual 2003 (novo nome dado ao antigo Festival de Recife); de melhor ator para José Dumont no Festival do Rio 2003; de melhor filme independente e de melhor roteiro no 30º Festival Internacional do Filme Independente de Bruxelas, na Bélgica; de melhor filme no VII Festival Internacional de Cinema de Punta del Este, 2004 e de melhor filme de ficção no 5º Festival de Cinema des 3 Ameriques, realizado em Quebec, no Canadá, em 2004.

A partir das andanças de Biá pela comunidade e de suas interlocuções com a população, Eliane Caffé presenteia o espectador com a possibilidade de analisar como os moradores constroem, a partir da verbalização, as suas memórias e como se percebem sujeitos da própria história.

E os moradores de Javé se reconhecem como sujeitos da história

Para salvar o povoado de Javé, os moradores só visualizam uma alternativa: forjar uma história de heróis. Os primeiros moradores habitavam uma região onde havia sido localizado ouro. Mediante esse fato, a Coroa Portuguesa resolveu expulsá-los para melhor explorar o rico minério. Os moradores não aceitaram sair de suas terras pacificamente e entraram em guerra contra a Coroa, no entanto, não conseguindo vencer os soldados do rei português, saíram em "retirada".² Depois de muito caminharem o forte, corajoso e destemido líder, Indalécio, encontra as terras férteis batizadas de Javé, onde passam a habitar. Outra moradora fornece uma versão diferente para o mesmo fato, se bem que, ainda heróica. Não foi o forte Indalécio quem encontrou as terras, mas a corajosa Maria Dina. Indalécio ou Maria Dina pouco importa, o que interessa é que os moradores de Javé eram descendentes de um grupo de guerreiros e destemidos, trazendo a bravura no sangue. A história da origem heróica do povoado é repetida por outros moradores e parece que somente essa

² Para os habitantes de Javé, sair em "retirada" significa sair do campo de batalha, não como derrotados ou perdedores, mas olhando o inimigo de frente. Seria uma saída estratégica.

tem importância. Quando dois irmãos, o Gêmeo e o Outro, contam a história do casamento dos pais e dos problemas de filiação de um deles, a pergunta é uníssona: *mas isso é história pra por no livro?* E por que não seria? A partir das lembranças e dos documentos (fotos e registros) dos irmãos poderia ser constituída uma história dos hábitos e costumes matrimoniais: ritual, vestimenta, meses mais comuns de casamento, além de recuperar valores e a mentalidade de uma época. Mas, essa história não serve para os moradores de Javé. Nesse momento, os moradores reconhecem como sujeitos da história de Javé apenas o líder corajoso e destemido, seja Indalécio ou Maria Dina.

Na historiografia, desde 1929, quando Lucien Febvre e Marc Bloch fundaram a revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*, que o conceito de sujeito histórico passou por um processo de ampliação. Nos anos de 1970 a “nova história” (título de uma coleção de ensaios organizada por Jacques Le Goff, considerada a pedra de toque do movimento) reforçou esse caráter. Era necessário ampliar a visão dos homens que fazem a história, não se restringindo apenas aos grandes líderes políticos, aos poderosos do momento, aos estadistas. Era preciso incluir, no conceito de sujeito histórico, os milhares de anônimos, que com suas atividades, pensamentos e sentimentos cotidianos também fazem história. Assim, de um pequeno número de reis e generais, até então valorizados pelos historiadores, o conceito se ampliou, abrindo um leque de múltiplas possibilidades: poderosos ou não, ricos ou pobres, intelectuais ou analfabetos, homens ou mulheres, jovens ou velhos, proprietários ou empregados, reis ou camponeses. Toda a coletividade, os grupos sociais, enfim, a forma como todas as pessoas viveram e vivem tornou-se importante para a história. Os sujeitos da história são os agentes da ação social, aqueles que exprimem suas especificidades e características em determinado contexto, que alteram ou mantêm os hábitos e valores de um local. Resumidamente pode-se dizer que os sujeitos da história são os indivíduos e os grupos sociais que participam dos acontecimentos coletivos, ou ainda, que estão imersos em situações cotidianas.

Em *Narradores de Javé*, os habitantes só se reconhecem como sujeitos da história no final do filme, quando a comunidade já foi “engolida pelas águas”: *“eu estava lá quando as águas chegaram”*, ou ainda, *“fui eu que salvei o sino”*.

Naquele momento não era importante a história heróica dos fundadores de Javé, mas como cada um se viu como agente do processo histórico, nele interferindo e com ele dialogando. Descobriram, afinal, que a história de Javé era a história de cada um, a história de anônimos e cotidiana.

A memória, assim como a história, é filha do seu tempo

“Tirar da cabeça, minha gente, e botar no papel”. Essa é uma das cenas iniciais do filme e a partir da qual se desenrola todo o enredo. A sugestão vem de Zaqueu (vivido por Nelson Xavier), acreditando que a “história grande” de Javé poderia salvar a comunidade, se os moradores “tirassem” da cabeça suas lembranças, suas memórias.

A relação entre história e memória é intensa e visceral. Segundo a visão tradicional essa relação seria relativamente simples, uma vez que, ao historiador caberia o papel de “lembrador”, de “guardião da memória”. Sua função principal seria salvar do esquecimento os fatos e protagonistas preservando-os para a posteridade por meio do registro escrito. No entanto, essa relação não é tão simples assim e cada vez mais é percebida pelos pesquisadores de forma problemática. Uma vez que esse tema envolve os objetivos e fundamentos do próprio trabalho historiográfico, muitos pesquisadores debruçaram-se sobre ele (como Jacques Le Goff, Pierre Nora e Maurice Halbwachs) concluindo que a memória não pode ser interpretada apenas como um processo de lembrar fatos passados, ela é uma construção de referenciais sobre o passado dos diferentes grupos sociais que são influenciados pelas mudanças culturais.

A memória é uma construção do presente, a partir das experiências e vivências do passado. Ela está em constante mudança, sendo aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, sendo assim seletiva. É por meio da memória que os sujeitos do processo histórico buscam salvar o passado do esquecimento, edificando o presente e o futuro, colaborando para a formação da identidade, individual ou coletiva. Não pode deixar de ser mencionado que, muitas vezes, a memória é manipulada, quando alguns grupos sociais decidem o que deve ser

lembrado ou esquecido, com o objetivo de exercer seu controle sobre os demais grupos.

É por essa experiência de resgate e registro da memória que passam os moradores de Javé, lembrando as histórias que originaram a comunidade. E nesse ponto, é interessante observar as várias versões que o mesmo fenômeno (a origem do povoamento) apresenta. Cada morador narra a mesma história de forma diferenciada, segundo suas expectativas e visão de mundo, muitas vezes valorizando a atitude de familiares, revelando o forte vínculo entre memória e afetividade. Sendo uma comunidade de analfabetos, foi a partir da oralidade que eles registraram sua história, contando suas lembranças de uma geração para outra. Pela verbalização de suas memórias, os moradores de Javé constroem e reconstróem seu passado, a partir das perspectivas presentes.

Para concluir: os sujeitos também são os narradores de suas memórias

E, então, *Narradores de Javé*, como o título já indica, se revela uma bela narrativa. Narrativa de Zaqueu, ao contar a triste história do lugar onde nasceu ao ser engolido pelas águas. E dentro dessa narrativa, os narradores de Javé narram suas histórias na tentativa de salvar a comunidade, mas, sobretudo, de resgatar suas memórias.

Os moradores de Javé uniram os conceitos de sujeito histórico e narradores de suas memórias. Foram eles que interpretaram e filtraram os acontecimentos em sua memória, fazendo uma construção narrativa. E ao resgatar e valorizar suas memórias, trilhando os caminhos de Mnemosine, eles se reconheceram como agentes da própria história e do grupo, protegidos pela musa Clio.

Bibliografia

BURKE, P. *A Escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

_____. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

HALBAWACHS, M. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, J. *História e Memória*. São Paulo: Unicamp, 1990

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares (traduzido de: Les lieux de Mémoire. Paris: Gallimard, 1984.) In: *Projeto História*. São Paulo: Brasil, 1993.